

Tavares, Manuel; Gomes, Sandra (2019). *Epistemologias contra-hegemônicas: desafios para a educação superior*. Curitiba: Appris, 273 pp.

Não é de hoje que se percebe a inevitabilidade de uma revisão epistemológica nas Ciências Sociais, sobretudo na América Latina. As instituições de ensino superior são responsáveis pela produção do conhecimento e pelo desdobramento e aprofundamento da aprendizagem. Contudo, fundamentam-se no conhecimento universalizado como o único possível para a humanidade, o conhecimento produzido pelo pensamento ocidentocêntrico. Conseqüentemente, ocorre a homogeneização, de acordo com os desejos hegemônicos do mercado global, dos espaços simbólicos e das maneiras de agir e pensar locais, menosprezando a heterogeneidade das nações latinas mantendo, assim, a desigualdade na geopolítica do conhecimento e do poder, pois, apesar de serem os países periféricos locais de abundância cultural, são colocados em postos de inferioridade pelos países dominantes. É preciso, por isso, pensar em novos modelos e paradigmas para a contemporaneidade, que dê conta da diversidade epistemológica e cultural, de modo a que o papel emancipador da educação não seja mais limitado por interesses econômicos e de administração da exploração e da opressão.

Suplantar a condição de não-existência a que vêm sendo sentenciados os países latino-americanos e analisar a importação do pensamento hegemônico demanda uma atitude contra-hegemônica, inicial e preferencialmente, na educação. Oportunamente, os autores de *Epistemologias contra-hegemônicas: desafios para a educação superior*, ambos pesquisadores e professores universitários, estruturaram a obra em dez textos publicados anteriormente em periódicos acadêmicos para discutirem essas questões e refletirem, de forma crítica, sobre o papel das instituições de ensino superior nos países periféricos, bem como dos novos cenários e possibilidades de produção de novos conhecimentos na contramão do conhecimento moderno que se impôs a todos os povos subjugados pelos processos de colonização.

O debate tem início contextualizando o surgimento da Modernidade e seus pilares de sustentação, sendo a colonização o principal deles. Neste primeiro capítulo, *Boaventura de Sousa Santos, transição paradigmática: do paradigma dominante a um pluralismo epistemológico*, a partir dos apontamentos de Boaventura, sociólogo português, Tavares e Gomes apresentam questões sobre a construção da racionalidade moderna e a vinculação entre as incipientes Ciências Sociais e as já respeitáveis Ciências Naturais. Ponderam que a invariabilidade das leis científicas positivistas não é possível de aplicação irrestrita nas Ciências Sociais como é nas Naturais, daí a geração da crise paradigmática da modernidade e que se prolonga na contemporaneidade. A evidência de que, apesar de interligadas, cada uma das Ciências precisa de seus

próprios paradigmas, tem trazido para a arena científica adeptos que defendem “a dissolução das hierarquias entre saberes” (p.28). O capítulo segue com a explicação e análise dos novos conceitos propostos por Boaventura de Sousa Santos: o pós-colonialismo, a sociologia das ausências, a sociologia das emergências, a ecologia dos saberes, o pensamento abissal e pós-abissal, todos compreendidos como pressupostos das “Epistemologias do Sul”. Pensar a partir do Sul, conforme demonstrado neste capítulo, não pressupõe hierarquizar os saberes, mas esquadrihar os conflitos que de modo histórico obstruíram, silenciaram e oprimiram os diversos tipos de racionalidade e conhecimento.

Por motivos óbvios, a América Latina é o *locus* privilegiado para a enunciação de novas epistemologias e de uma razão decolonial, mas, justamente, porque uma epistemologia do Sul não pretende aniquilar as outras formas de pensamento para não perpetuar o revanchismo e o preconceito, Tavares e Gomes dedicam o segundo capítulo, *Serge Gruzinski e a colonização do imaginário*, a discutir o pensamento do historiador francês. A proposta é olhar, sem se restringir aos teóricos do Sul, ampliar e completar com outros lugares que não só os latino-americanos, outorgar vozes, sem querer provocar o silenciamento, postura que combatem ao longo da obra. O processo de colonização espanhola no México, que aconteceu nos espaços geográficos e políticos, mas, sobretudo, no imaginário, aponta para duas importantes questões: 1) cabe também aos cientistas do Norte a desconstrução da narrativa heróica dos europeus e a desconstrução da versão histórica, universal e eurocêntrica desse período; 2) Como ouvir e recuperar as narrativas originais daqueles que foram silenciados durante o processo violento de colonização. A destruição do imaginário do colonizado é uma forma de repressão da produção e reprodução de conhecimento, tornando, com o passar do tempo, invisíveis seus saberes ao mesmo tempo que impõe, naturaliza e perpetua as concepções de mundo do homem branco ocidental. Entretanto, a mestiçagem, a assimilação da cultura ocidental pelos indígenas e o inverso ocasionaram a “mobilidade das identidades” (p.56), dificultando, quiçá impossibilitando, o resgate do discurso dos povos nativos sem nódoas. Mesmo suscitando tantos questionamentos, uma certeza desponta ao final desse capítulo: a necessidade orgânica, causada pela mestiçagem iniciada na colonização, de novos paradigmas e epistemologias.

Em *Decolonialidade e emancipação: o caráter interpelativo e dialógico do pensamento andino* pergunta-se novamente se existe a hipótese de “um pensamento filossófico latino-americano que não esteja contaminado pelo ocidentocentrismo” (p. 61). Calcado nos conceitos primordiais que amparam a filosofia andina e de alguns membros do Grupo Modernidade/Colonialidade, entre eles Anibal Quijano, Catherine Walsh e Walter D. Mignolo, o terceiro capítulo demonstra que a inovação teórica dos conceitos de colonização, descolonização e interculturalidade pode comportar o desdobramento de estratégias de pesquisas e intervenções teóricas que estabeleçam diálogos entre

as diversas formas de entendimento e interpretação de mundo, sendo que os novos paradigmas advindos das teorias pós-coloniais servirão, então, como condutores de práticas em instituições de ensino superior para a incoação de uma relação orgânica com os modos de insurgência de grupos sociais que foram subalternizados no passado e continuam oprimidos pelo neoliberalismo e pela colonialidade global.

Entende-se que todo esse preâmbulo serve de aporte teórico necessário para a compreensão das discussões sobre ensino superior que são propostas nos capítulos quatro a dez. O capítulo quatro, *A universidade e a pluralidade epistemológica*, denuncia a regulação das instituições de ensino superior pelas esferas econômicas que impõem suas lógicas mercantis de funcionamento à educação, a urgência de novos paradigmas descolonizadores, atuando para combater e estagnar os avanços da influência e da materialização do discurso neoliberal nos cenários acadêmicos. Ainda há um mapeamento das poucas universidades no Brasil com programas de pós-graduação que se dediquem aos estudos pós-coloniais, voltados para o ensino superior, evidenciando, portanto, a carência de mais pesquisas nessa temática, e o mapeamento das universidades latino-americanas que concretizam, em seus espaços, uma educação popular inter e pluricultural. Em *Modelos contra-hegemônicos de educação superior: um estudo sobre a Universidade Federal da Fronteira Sul*, texto produzido a partir da investigação e orientação de um mestrando de Tavares, defende e comprova a inovação do ensino nessa universidade que estimula a difusão do pensamento reflexivo, a valorização dos saberes locais e desenvolvimento do espírito científico que conduzem a comunidade à qual atende para uma aprendizagem emancipatória. Pode-se considerar que os méritos da UFFS assentam, principalmente, na maneira diferenciada em agir que considera, sobretudo, as condições de produção dos conhecimentos locais em oposição a uma cultura formativa de reprodução do saber hegemônico. Parte do sucesso desse novo modelo de educação deve-se à democratização do acesso, à construção do Projeto Pedagógico Institucional e à composição curricular dos cursos ministrados. Todos esses aspectos são dissecados pelos autores com o propósito de confirmar que “o compromisso solidário dessa instituição [UFFS] com os grupos sociais mais desfavorecidos do ponto de vista social, econômico e cognitivo faz dela uma universidade de caráter popular em oposição aos modelos clássicos e neoliberais de educação superior” (p. 125).

Se uma instituição não basta para comprovar que é viável ter na América Latina uma educação superior contra-hegemônica, o texto *Educação superior: insurgências e resistências decoloniais na Bolívia* assevera a plausibilidade das ideias defendidas na obra. Merece atenção, nesse sexto capítulo, a “Nota introdutória” que destaca as dificuldades emergentes para a educação contra-hegemônica e as forças contrárias que não deixarão de incidir sobre ela. Ao invés de optarem por fazer a historiografia da universidade (aspecto já bastante abordado por diversos autores), nesse introito são

apresentados dados que explicam os motivos para o aumento do número de estudantes no mundo. Delimitando para a Bolívia, foco do artigo, a necessidade de reformulação da universidade clássica para uma universidade de princípios contra-hegemônicos atenderá seu povo, com “mais de 60% de cidadãos indígenas ou ‘povos originários’ (p.128). Novamente, os conceitos já abordados e explicados nos primeiros capítulos do livro são retomados e apontados como diferenciadores nas experiências universitárias da Bolívia. Contudo, um novo conceito para substituir o de universidade surge e deve ser destacado: “intersversidade” (p.136). Esse conceito, que será retomado posteriormente no capítulo sete (p. 148), é proposto pelo filósofo suíço Josef Estermann e adotado pelos autores como “oposição a essa visão ocidental etnocêntrica” (p. 137) e “aposta na transformação intercultural da universidade como tarefa prioritária” (p. 137). O texto finaliza elencando o que determina como nove desafios para a intersversidade, mas, apesar de chamar de desafios, pode-se percebê-los, na verdade, como novos caminhos para a implementação de novos paradigmas no ensino superior.

Outro *locus* de pesquisa dos autores é a Universidade Federal do ABC (UFABC), que ganha espaço no capítulo nove, *Fundamentos epistemológicos da matriz institucional da universidade federal do ABC (UFABC)*. Trata-se de um apurado estudo originado das investigações para a dissertação de mestrado da professora Sandra Gomes, sob orientação do professor Manuel Tavares. Além de contextualizar a propagação das universidades e estabelecer suas relações com as políticas neoliberais recentes, é feita uma análise minuciosa da importância de uma universidade como a UFABC no atual panorama político e educacional brasileiro, consolidando-se, apesar de ter apenas pouco mais de dez anos de existência, como indiscutível “modelo para a criação das restantes universidades que se apresentam como outros modelos de universidade em oposição às universidades clássicas ou tradicionais.”(p.177).

Seguindo o mesmo padrão metodológico utilizado anteriormente no capítulo 6, a análise dos documentos que estruturam a UFABC é feita com rigor e clareza pelos autores, denotando que o Projeto Pedagógico Institucional (PPI), o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e a organização curricular devem e podem ser elaborados, como um imperativo ético, orientados pela finalidade de transformar a sociedade, de maneira emancipadora. Ter, por exemplo, uma organização curricular que permita aos alunos livre escolha das disciplinas que desejam cursar, como é o caso da UFABC, demonstra a relevância de se refletir sobre a inovação de se ter outro paradigma como base e modelo para a construção e formação de novos saberes decorrentes dos processos locais, culturais e históricos. Vale salientar que, apesar de magnitude discursiva que se concretiza em algumas ações e práticas da UFABC, sagazmente os autores identificaram na instituição estudada “contradições, dilemas e paradoxos presentes entre os princípios” (p.182), entre eles, por um lado, a formação continuada de professores, a inclusão dos menos favorecidos economicamente, e, por outro, um

certo alinhamento com o paradigma dominante e com as políticas neoliberais, uma vez que a UFABC aparenta alinhamento ao discurso neoliberal nos quesitos qualidade e excelência ao admitir em seu PDI que como parâmetro de excelência fará uso dos dispositivos de *rankings* e avaliações. Percebe-se, então, que os documentos oficiais e estruturantes da universidade ainda encontram-se eivados pelo discurso hegemônico e que conceber e efetivar discursos a favor de uma educação superior crítica dentro das instituições não será tarefa fácil, dado que exigirá da comunidade acadêmica esforço no sentido de “pensar de outro modo, de acordo com outras lógicas e outras racionalidades” (p.189). Sintetizando, seria preciso desenvolver estratégias de desnaturalização das relações com as instâncias dominantes que permeiam a educação e, para isso, será preciso a instauração do conceito “despensar” (p.189). É, inclusive, sobre esse conceito que se desdobra o próximo texto da obra, *Despensar pedagogias coloniais e os seus pressupostos epistemológicos*, em que se evidencia a questão da geopolítica do conhecimento deflagrado na Modernidade e a reflexão sobre o progresso do pensamento abissal e pós-abissal que mantém forte laço com as teorias pós-coloniais e relações especiais com a pedagogia uma vez que analisa e critica o posicionamento adotado pelo modelo hegemônico, engendrado, essencialmente, pelas nações colonizadoras e incorporado pelas instituições educacionais.

A grata surpresa fica por conta do penúltimo texto, *Literatura pós-colonial: uma reflexão sobre a narrativa de Mia Couto*. Pode, para alguns, parecer inusitado e um tanto descontextualizado um texto que se dedica ao ficcional e a ele aplica as epistemologias contra-hegemônicas para sua análise. Todavia, muitos pesquisadores latino-americanos divulgaram seus estudos de textos literários sob a perspectiva pós-colonial, afinal “privilegiar a diversidade de leituras do mundo e da vida, entre as quais a visão estética-literária a partir dos excluídos, constitui um dos desafios epistemológicos na contemporaneidade” (p. 241). Também não podemos esquecer que a literatura é uma poderosa ferramenta pedagógica e a metodologia empreendida nesse capítulo pode servir de inspiração para uma técnica letiva decolonizadora em sala de aula por meio da literatura.

A obra, objeto de recensão, apresenta inegável qualidade textual e, por isso, sobrepõe possíveis tautologias discursivas. A repetição dos conceitos que sustentam as epistemologias contra-hegemônicas se faz necessária, posto que facilita e fixa as premissas do pensamento decolonial para os leitores pouco habituados a ela. Os artigos selecionados para a composição da publicação apontam para um campo de reflexão ainda em construção, uma vez que a discussão em torno desse novo paradigma tem pouco mais de vinte anos e ajudam a entender os limites, impasses e avanços dessa teoria que pode vir a ser uma estratégia pedagógica pioneira para o setor educativo que, por muitos motivos, alguns deles levantados por Tavares e Gomes, ainda rechaça modificações estruturais. Por ser um campo conceitual recente, compreende-se

a ausência de propostas e resultados de técnicas letivas sob a perspectiva teórica defendida nos textos.

Sendo a obra dividida em dois eixos centrais que se complementam, pois ambos denunciam as diferentes maneiras de opressão que resistem, por enquanto, ao tempo, a produção teórica dos autores afeta atores sociais de todos segmentos. Entretanto, torna-se leitura obrigatória para aqueles que trabalham com Educação, sejam pesquisadores, professores ou outros agentes com ela comprometidos em reivindicar a emancipação da sociedade tendo como alento e sopro de esperança esse novo horizonte que propõe a ruptura, inicialmente no campo epistêmico, com as dualidades constitutivas das narrativas forjadoras na modernidade.

Aline Belle Legramandi
Mestra em Educação. PPGE, UNINOVE (São Paulo)
Especialista em Literatura Brasileira e Portuguesa.
profalinebelle@hotmail.com
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-3759-4151>